

Mudanças teóricas na trajetória da Escola de Frankfurt: inovação e comunicação

Cambios teóricos en la trayectoria de la Escuela de Frankfurt: innovación y comunicación

Theoretical changes in the Frankfurt School trajectory: innovation and communication

Regina Rossetti

Doutora em Filosofia pela USP com pós-doutorado pela mesma instituição. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)-Brasil.

Contato: rossetti.regina@uol.com.br

Marcos Sidnei Bassi

Doutor em Ciências Sociais - Sociologia, pela PUC-SP. Professor Colaborador do PPGCOM da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)-Brasil

Contato: mbassi@uscs.edu.br

Artigo submetido em 05/07/2018

Aprovado em 20/08/2018

Resumo

Este artigo trata das mudanças ocorridas na trajetória das quatro gerações de intelectuais da Escola de Frankfurt. Explicita o conceito frankfurtiano de inovação aplicado à análise da sociedade de massa e descreve a crítica dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer à abordagem funcionalista e à renovação teórica posterior que ocorre no interior do próprio pensamento frankfurtiano, quando do surgimento das teses de Habermas, Honneth e Forst. Os resultados indicam que a trajetória frankfurtiana é marcada pela renovação de suas concepções. Espera-se, com este estudo, atualizar as possibilidades de pesquisa que utilizam o paradigma crítico, em especial a abordagem frankfurtiana, no campo de investigação da comunicação e da inovação.

Palavras-chave: Comunicação. Inovação. Escola de Frankfurt.

Resumen

Este artículo trata de los cambios ocurridos en la trayectoria de las cuatro generaciones de intelectuales de la Escuela de Frankfurt. Explicita el concepto frankfurtiano de innovación aplicado al análisis de la sociedad de masa y describe la crítica de los frankfurtianos Adorno y Horkheimer al enfoque funcionalista y la renovación teórica posterior que ocurre en el interior del propio pensamiento frankfurtiano cuando surgieron las tesis de Habermas, Honneth y Forst. Los resultados indican que la trayectoria frankfurtiana está marcada por la renovación de sus concepciones. Se espera con este estudio actualizar las posibilidades de investigación que utilizan el paradigma crítico, en especial el enfoque frankfurtiano, en el campo de la investigación de la comunicación y la innovación.

Palabras clave: Comunicación. Innovación. Escuela de Frankfurt.

Abstract

This article deals with the changes in the trajectory of the four generations of Frankfurt School intellectuals. It explains the Frankfurtian concept of innovation applied to the analysis of the mass society and describes the Frankfurtians Adorno and Horkheimer's criticism of the functionalist approach and the subsequent theoretical renewal that takes place within the own Frankfurtian thought when the theses of Habermas, Honneth and Forst are released. The results indicate that the Frankfurtian trajectory is marked by the renewal of his conceptions. This study intends to update the research possibilities that use the critical paradigm, especially the Frankfurtian approach, in the field of investigation of communication and innovation.

Keywords: Communication. Innovation. Frankfurt School.

Introdução

O movimento intelectual, que mais tarde seria conhecido como a Escola de Frankfurt, surgiu em 1923 com a criação do *Instituto para a Pesquisa Social em Frankfurt na Alemanha*. Surgida em um contexto social, político e econômico novo, que fez emergirem as sociedades de massa, a abordagem crítica dos meios de comunicação de massa, da qual se extraiu a chamada teoria da comunicação frankfurtiana, teve Adorno e Horkheimer como precursores, passou por Habermas e perdura até hoje com Honneth e Forst.

A Escola de Frankfurt possui quase um século de pesquisas e teorização sobre o fenômeno social, entre os quais se encontra o fenômeno da comunicação. Frente as profundas e velozes transformações sociais pelas quais o mundo passou, a teoria crítica da comunicação teve que adaptar e atualizar seus conceitos originais de comunicação. Então, necessariamente ocorreram mudanças no interior dessa abordagem teórica no que diz respeito a sua concepção de comunicação e a seu posicionamento no interior da pesquisa social visto que o próprio fenômeno investigado estava em constante modificação.

O diálogo da Escola de Frankfurt com a EPC – Economia Política da Comunicação é algo possível. Embora a EPC trace uma trajetória de evolução teórica diferente da tradição frankfurtiana, um ponto em comum é a abordagem da comunicação levando em consideração seus aspectos sociais e tendo como um de seus referenciais teóricos a teoria marxista. Essa abordagem sociológica do fenômeno comunicativo vai ao encontro de um dos objetivos da EPC, isto é, construir um paradigma próprio, a partir das modalidades de integração das diferentes dimensões sociais da Comunicação, segundo Herscovici, “a EPC permite construir modelos de interpretação coerentes que tenham condições de explicar a realidade da Cultura e da Informação, e que correspondam às evoluções históricas de longo prazo” (HERSCOVICI, 2014, p. 95).

Assim, neste estudo, pretende-se responder à seguinte questão: quais foram as mudanças teóricas ocorridas na trajetória da Escola de Frankfurt em seu esforço de teorizar a comunicação? A partir dessa problemática, o objetivo deste artigo é marcar os momentos de mudanças ocorridas na trajetória teórica das quatro gerações de frankfurtianos, tanto no âmbito interno quanto externo, e indicar novas perspectivas na teoria da comunicação frankfurtiana. Para tanto, primeiro esclarece-se qual é o conceito de inovação utilizado pelos frankfurtianos. Como é própria dos estudos teóricos, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica para tratar da renovação teórica que ocorre no interior do próprio pensamento frankfurtiano quando do surgimento das teses de Habermas, Honneth e Forst no que diz respeito a concepção de comunicação do paradigma crítico.

Inovação na teoria da comunicação frankfurtiana

A inovação, na teoria da comunicação frankfurtiana, é aqui abordada em dois aspectos. Primeiro, aponta-se para um conceito frankfurtiano de inovação ligado a criação e a novidade trazida pelas vanguardas artísticas e discutida em sua relação com os processos de repetição dentro da indústria cultural. O segundo aspecto da inovação está no processo evolutivo de ideias no interior da trajetória representada pelas quatro gerações da Escola de Frankfurt que está marcada por uma “evolução” de teses, que significariam uma inovação em relação à geração anterior da Escola.

O conceito de inovação adotado pela Escola de Frankfurt é igual ao conceito de criação. Criação é mais do que o simples rearranjo de elementos preexistentes, pois se trata de um ato que faz surgir algo novo que não existia antes, mesmo que de forma relativa a partir de algo já pré-existente. Nesse sentido, a criação é típica das artes. Segundo a Escola de Frankfurt, as vanguardas artísticas exercitam a criação estética e promovem inovações. “A inovação e a vanguarda artística de uma sociedade, nesse sentido, precisam encontrar um lugar fora da indústria cultural para operar” (MARTINO, 2009, p. 51). E é nesse momento que a inovação se faz presente: na criação artística que acontece fora da indústria cultural.

Contra a manipulação dos meios de comunicação, os frankfurtianos propõem a gratuidade da fruição estética e da arte, assim, “na dimensão estética delineiam-se as potencialidades libertadoras da imaginação produtora e criadora” (MATOS, 2015, p.63), nela a arte não se submete à produtividade e é antídoto contra a barbárie. Segundo Rüdiger, os frankfurtianos não negaram de modo absoluto os aspectos criativos e inovadores dos meios de comunicação, pois a conversão da indústria cultural em sistema trouxe progressos técnicos e liberação de energias estéticas com grande potencial transformador, “a crítica à indústria cultural é uma prática que, para eles, visava levar-nos a pensar seu caráter predominantemente regressivo na sociedade atual, tendo em mente o potencial criativo e inovador que os meios de que ela se utiliza podem vir a ter em uma forma mais avançada de sociedade” (RÜDIGER, 2012, p.145).

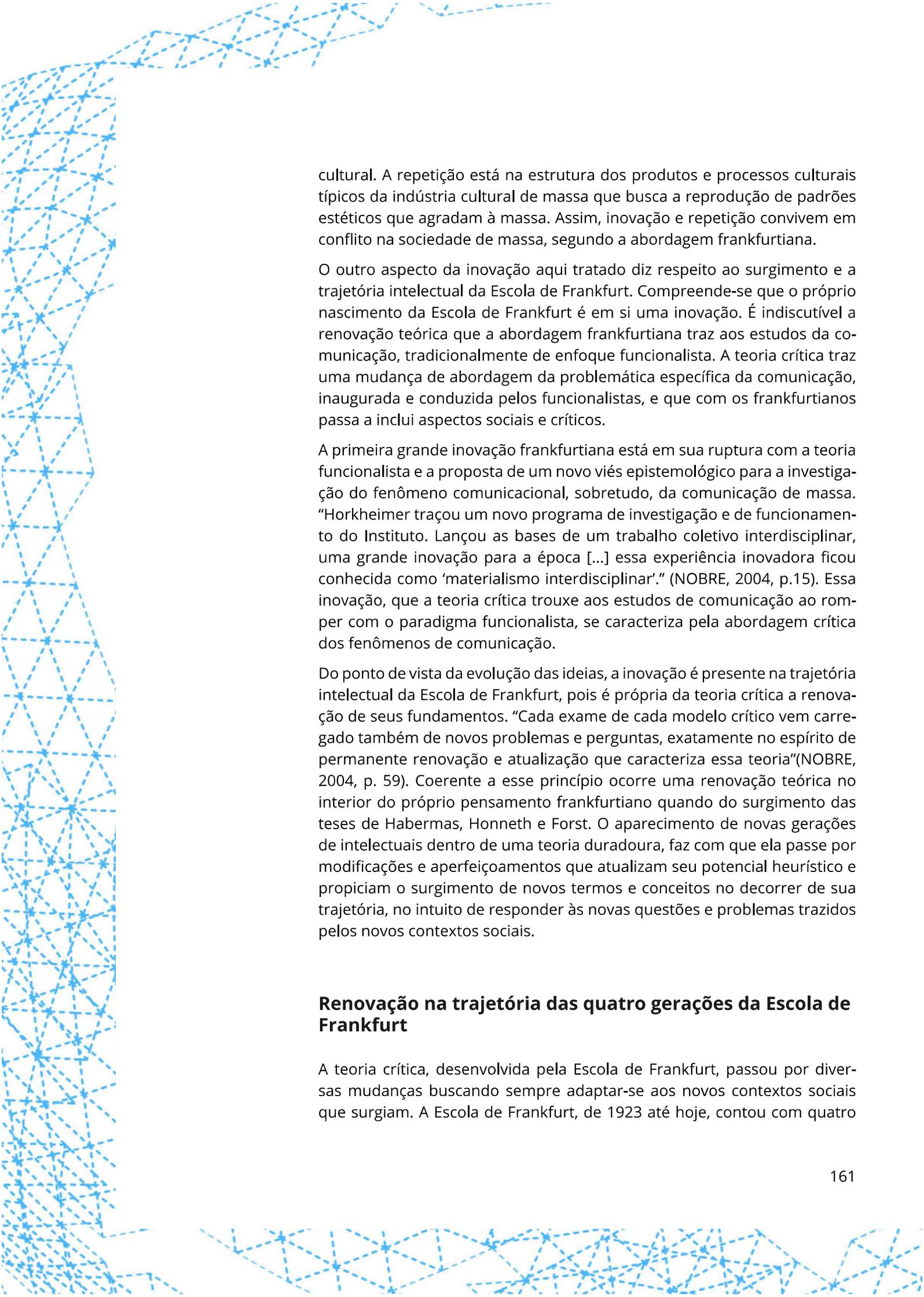
Assim sendo, a Escola de Frankfurt não nega as inovações, tratando delas diretamente. “Que as suas inovações típicas consistam sempre e tão só em melhorar os processos de reprodução de massa não é de fato extrínseco ao sistema” (HORKHEIMER; ADORNO, 2005, p.184). Mas, em certos momentos, compreende que a mentalidade das massas é um tanto quanto resistente à novidade. Isto porque prefere agarrar-se ao velho conhecido, que lhe dá segurança, em vez de intentar novas visões críticas dos fenômenos sociais e culturais. Assim, o olhar teórico da Escola de Frankfurt sobre a questão da novidade na sociedade de massa identifica uma oscilação entre a repetição e a inovação.



Reforçando a repetição, em detrimento à ideia de inovação, está o conceito de indústria cultural, criado em meado dos anos 1940 por Adorno e Horkheimer. Indústria cultural é uma prática social que transforma a cultura em mercadoria a serviço do sistema capitalista (ADORNO, 2002). Sobre a relação entre indústria cultural e inovação, Adorno (2002, p.8) escreve: “aquilo que a indústria cultural oferece como continuamente novo não é mais do que a representação, sob formas sempre diferentes, de algo que é sempre igual; a mudança oculta um esqueleto, no qual muda tão pouco”. Assim, a inovação seria superficial nos produtos da indústria cultural, pois a estrutura interna do fenômeno de comunicação permanece sempre a mesma. Para Wolf (2003, p. 92) “quando analisa a indústria cultural, a teoria crítica exprime, sobretudo, sua tendência para tratar a mentalidade das massas como um dado imutável”. As massas não são criadoras, mas repetidoras e reproduzoras de uma cultura voltada para o consumo. Os produtos da indústria cultural são apenas cópias e reproduções do próprio processo de trabalho. A massa prefere agarrar-se a clichês já conhecidos que conferem ordem e segurança. “A máquina da indústria cultural, ao preferir a eficácia dos produtos, determina o consumo e exclui tudo que é novo” (WOLF, 2003, p. 86). No mesmo sentido, Martino (2009, p.49) afirma que “a imaginação e o ato criador são adotados às exigências da produção. Fórmulas e modelos substituem a espontaneidade e os padrões tomam lugar da inovação. Há pouco espaço para a novidade na indústria cultural”. Habermas (2000, p.160) - ao analisar a *dialética do esclarecimento* - resume assim essa questão: “com sua análise da cultura de massas, Horkheimer e Adorno pretendem demonstrar enfim que a arte, fundida com o divertimento, teria sido paralisada em sua força inovadora e esvaziada de todo conteúdo crítico e utópico”

No interior da teoria da comunicação frankfurtiana não há muito espaço para a inovação, visto que seu fundamento explicativo, a estrutura capitalista de produção massiva de bens culturais de consumo, exige a padronização e repetição. Os meios de comunicação de massa são opostos ao pensamento e à cultura que leva à reflexão. A comunicação acrítica, ao converter tudo em entretenimento, impede o pensamento crítico. Assim, a indústria cultural se pauta na repetição de padrões e restringe a inovação. Entretanto, nem tudo é repetição de modelos, pois fora da indústria cultural as vanguardas exercitam a criação estética e promovem inovações.

Portanto, haveria uma tensão entre inovação e repetição na indústria cultural, segundo a perspectiva frankfurtiana. Ao tratar desse conflito entre indústria cultural e imaginação estética, Matos (2015, p.62) afirma que “para Adorno e Horkheimer, a ‘cultura de massa’ não é nem cultura nem é produzida pelas massas: sua lei é a novidade, mas de modo a não perturbar hábitos e expectativas, a ser imediatamente legível e compreensível pelo maior número de espectadores ou leitores”. A inovação está no potencial criador das artes e das estéticas vanguardistas fora do sistema da indústria



cultural. A repetição está na estrutura dos produtos e processos culturais típicos da indústria cultural de massa que busca a reprodução de padrões estéticos que agradam à massa. Assim, inovação e repetição convivem em conflito na sociedade de massa, segundo a abordagem frankfurtiana.

O outro aspecto da inovação aqui tratado diz respeito ao surgimento e a trajetória intelectual da Escola de Frankfurt. Compreende-se que o próprio nascimento da Escola de Frankfurt é em si uma inovação. É indiscutível a renovação teórica que a abordagem frankfurtiana traz aos estudos da comunicação, tradicionalmente de enfoque funcionalista. A teoria crítica traz uma mudança de abordagem da problemática específica da comunicação, inaugurada e conduzida pelos funcionalistas, e que com os frankfurtianos passa a incluir aspectos sociais e críticos.

A primeira grande inovação frankfurtiana está em sua ruptura com a teoria funcionalista e a proposta de um novo viés epistemológico para a investigação do fenômeno comunicacional, sobretudo, da comunicação de massa. “Horkheimer traçou um novo programa de investigação e de funcionamento do Instituto. Lançou as bases de um trabalho coletivo interdisciplinar, uma grande inovação para a época [...] essa experiência inovadora ficou conhecida como ‘materialismo interdisciplinar’.” (NOBRE, 2004, p.15). Essa inovação, que a teoria crítica trouxe aos estudos de comunicação ao romper com o paradigma funcionalista, se caracteriza pela abordagem crítica dos fenômenos de comunicação.

Do ponto de vista da evolução das ideias, a inovação é presente na trajetória intelectual da Escola de Frankfurt, pois é própria da teoria crítica a renovação de seus fundamentos. “Cada exame de cada modelo crítico vem carregado também de novos problemas e perguntas, exatamente no espírito de permanente renovação e atualização que caracteriza essa teoria”(NOBRE, 2004, p. 59). Coerente a esse princípio ocorre uma renovação teórica no interior do próprio pensamento frankfurtiano quando do surgimento das teses de Habermas, Honneth e Forst. O aparecimento de novas gerações de intelectuais dentro de uma teoria duradoura, faz com que ela passe por modificações e aperfeiçoamentos que atualizam seu potencial heurístico e propiciam o surgimento de novos termos e conceitos no decorrer de sua trajetória, no intuito de responder às novas questões e problemas trazidos pelos novos contextos sociais.

Renovação na trajetória das quatro gerações da Escola de Frankfurt

A teoria crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt, passou por diversas mudanças buscando sempre adaptar-se aos novos contextos sociais que surgiam. A Escola de Frankfurt, de 1923 até hoje, contou com quatro



gerações de intelectuais, cujos representantes mais expressivos, quando se trata do tema da Comunicação, são Theodor Adorno e Max Horkheimer (primeira geração), Jürgen Habermas (segunda geração), Axel Honneth (terceira geração) e Rainer Forst (quarta geração). Esses são os autores que contribuem de forma significativa para a construção de uma Teoria da Comunicação, mas a Escola de Frankfurt conjuga um número muito maior de intelectuais, como por exemplo, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Eric From, Karl Otto Apel, Franz Neumann, Friedrich Pollock, Otto Kirchheimer, Iris Young, Seyla Benhabib, Klaus Günther, somente para citar alguns.

Desde sua fundação, ocorreram mudanças teóricas em seu projeto original. “Uma mudança fundamental na relação entre teoria social e filosofia política partilhada por diversos autores explicitamente filiados a tradição de pensamento que, desde Theodor Adorno e Max Horkheimer, se tornou conhecida como teoria crítica da sociedade” (MELO, 2010, p.207). Atualmente, a principal característica dessa renovação é o enfrentamento do problema da legitimidade e da dimensão normativa das instituições políticas. Problema que passa pela práxis da comunicação entre os indivíduos envolvidos no processo de legitimação.

A Escola de Frankfurt é formada por um conjunto bastante amplo de intelectuais que discutem a sociedade contemporânea por meio da teoria crítica. Ao tratarmos das abordagens de Adorno e Horkheimer, Habermas, Honneth e Forst estamos elegendo apenas aqueles que, do nosso ponto de vista, são os mais representativos de cada geração no que diz respeito às questões que envolvem o tema da comunicação.

Primeira geração: Adorno e Horkheimer - ruptura com o modelo funcionalista e o surgimento da pesquisa crítica em comunicação.

Com a teoria crítica elaborada pela Escola de Frankfurt, as pesquisas em comunicação do início do século XX adquirem novo impulso, pois passam a contar com um referencial teórico que privilegia as relações existentes entre o sistema social e os meios de comunicação de massa, diferentemente do paradigma funcionalista. Nesse sentido, a teoria da comunicação frankfurtiana traz consigo um potencial heurístico capaz de propiciar aos estudos de comunicação uma nova direção, adversa ao modelo funcionalista, gerando uma nova vertente no movimento de interpretação e discussão do objeto de pesquisa da comunicação.

A teoria crítica produzida pela Escola de Frankfurt é uma inovação pois conduz a uma transformação na abordagem da questão da comunicação, tal como era feita pelos funcionalistas, principalmente, porque passa a incluir aspectos sociais e críticos na teorização do fenômeno da comunicação. Para Wolf (2003), no contexto da discussão sobre a crise dos estudos



sobre os *mass media*, aparece o contraste entre a pesquisa administrativa do paradigma funcionalista e a teoria crítica. Esse contraste, polêmico e rico, faz surgir novas aproximações teóricas do fenômeno da comunicação. Segundo o autor a teoria crítica foi se transformando em referência para os estudos que não se identificavam com a atitude da pesquisa administrativa da *Mass Communication Research* (WOLF, 2003). O positivismo que fundamenta o paradigma funcionalista postula a razão como alicerce da realidade e do conhecimento, mas essa racionalidade não é absoluta e encontra obstáculos. Com o objetivo de superar essa crise da razão, a originalidade da teoria crítica está na tentativa de fundir o comportamento crítico da ciência e da cultura com a proposta política de uma reorganização racional da sociedade. Assim, “[...]a originalidade dos autores da Escola de Frankfurt consiste em enfrentarem as temáticas novas que se aproveitam das dinâmicas societárias da época” (WOLF, 2003, p.83). Nesse sentido, a teoria crítica representa a contracorrente da *Mass Communication Research*, de base funcionalista, no que diz respeito ao tipo de conhecimento elaborado nas pesquisas administrativas.

A teoria crítica elaborada pela Escola de Frankfurt propiciou o surgimento de uma nova teoria da comunicação. Segundo Martino (2009, p.47) “no campo da Comunicação, a Escola de Frankfurt foi apropriada, sobretudo por conta das ideias de Adorno e Horkheimer, Benjamin e Habermas”, pois todos apresentaram novas abordagens teóricas do fenômeno da comunicação de massa. Rüdiger (2012) torna explícito o aspecto criador desses pensadores e cientistas sociais que tomaram como ponto de partida o pensamento de autores distantes da perspectiva funcionalista, como Marx, Weber, Freud e Nietzsche, para analisar a nova realidade que surgia com a sociedade de massa. “A principal tarefa a que se dedicaram os frankfurtianos consistiu, essencialmente, em recriar suas ideias de um modo que fosse capaz de esclarecer as novas realidades surgidas com o desenvolvimento do capitalismo no século XX” (RÜDIGER 2012, p.131). Ao tratar especificamente de cada um desses autores criadores da pesquisa crítica em comunicação, Rüdiger (2012, p.132-134) informa que “Horkheimer e Adorno criaram o conceito de indústria cultural” e Benjamin manifestou “simpatia pelas novas formas de arte tecnológicas [...] criando uma estética em que se revelam um novo tempo e um novo horizonte cultural para a humanidade”. Mas esse foi somente o início, pois inerente a sua dinâmica crítica, logo surgiram novas perspectivas teóricas dentro da própria teoria crítica.

A teoria crítica, como método de análise social criado por esses autores iniciais, tem por característica a constante recriação de si mesma para a investigação apropriada de novos fenômenos surgidos da própria dinâmica social. Assim, é possível aprofundar o estudo dessas mudanças ocorridas no interior da própria teoria crítica abordando as renovações surgidas na trajetória das gerações posteriores da Escola de Frankfurt no intuito de responder à seguinte questão: quais foram as modificações operadas pela



teoria do agir comunicativo de Habermas, pela teoria do reconhecimento de Honneth e pela teoria da justificação de Forst no cerne do paradigma da comunicação da teoria crítica inaugurada por Adorno e Horkheimer?

Segunda geração: Habermas e o agir comunicativo.

Em seu ensaio “A teoria crítica ontem e hoje” publicado em 1970, Horkheimer fala da “primeira teoria crítica” da década de 1930 e da segunda de 1960 e 1970. Jürgen Habermas faz parte da segunda geração de frankfurtianos e pretende resgatar o programa original da Escola de Frankfurt que, segundo o filósofo, foi abandonado a partir da década de 40 em função de uma crítica excessivamente pessimista dirigida à razão instrumental. Habermas é considerado o “representante mais importante da segunda geração da teoria crítica” (MELLO, 2010, p.208) e sua contribuição para os estudos em comunicação é amplamente reconhecida. Para Miège algumas correntes da filosofia alemã contemporânea colocam a comunicação no centro de suas indagações e, assim, abrem caminhos para novos debates heurísticos sobre a comunicação. É nesse contexto intelectual que Habermas se destaca

As teses de Jürgen Habermas influenciaram profundamente aqueles que procuram pensar em termos renovados a função da mídia na formação das opiniões, a circulação das ideias e a vida política. Inscrevendo-se, em primeiro lugar, na posteridade da Escola de Frankfurt, elas se apoiam no princípio da publicidade. (MIÈGE, 2000, p. 91)

Conhecido por seus trabalhos acerca da esfera pública e, posteriormente, a partir da crítica do paradigma da subjetividade e da consciência, Habermas se empenhou em chegar ao conceito de racionalidade comunicativa, desvelando a atividade comunicativa inerente a linguagem. “Essa teoria do agir comunicativo representa uma contribuição considerável para as ciências da comunicação” (MIÈGE, 2000, p.92).

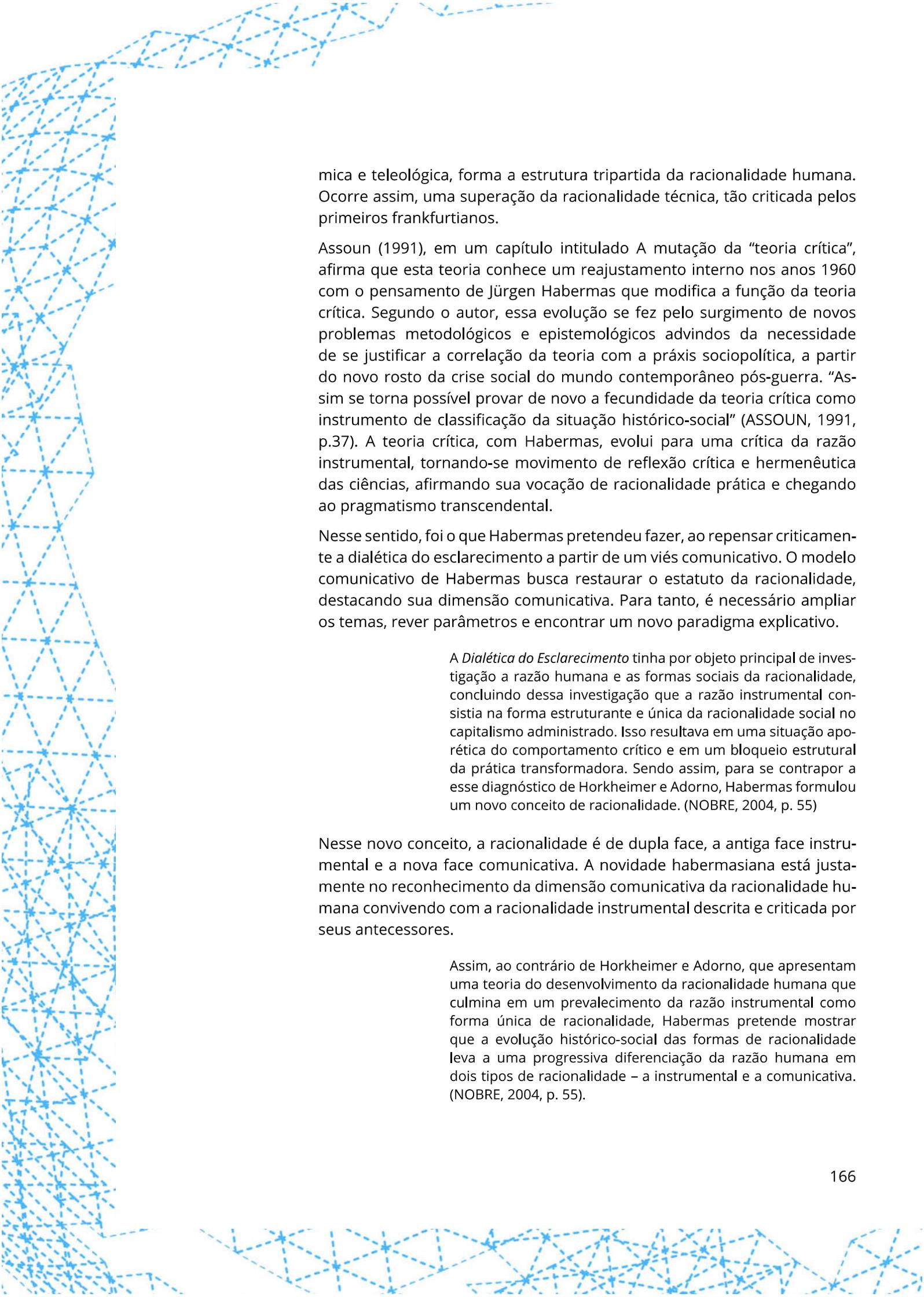
O ponto de partida habermasiano para uma mudança no projeto teórico frankfurtiano está justamente naquilo que Honneth, principal representante da terceira geração, chamou de “fraqueza teórica” da primeira geração. Essa fraqueza na primeira formulação da teoria crítica decorre principalmente das formulações de Horkheimer e Adorno (2005) e em seu fechamento diante de outras possibilidades de considerar o processo histórico, para além do conceito de trabalho. Essa formulação ficou restrita ao conceito de desenvolvimento do trabalho social e acabou por não levar em consideração outras dimensões do processo histórico como, por exemplo, a ação social. A ação social vai além do trabalho, pois nela estão inseridas convicções morais e intuições político normativas. Assim, a primeira geração, influenciada pela teoria marxista, considerava o trabalho como única



fonte de compreensão da história, ignorando alternativas de explicação das interações sociais. . Habermas explicitamente, abriu uma nova perspectiva para a teoria crítica ao refletir sobre a moral, a política, o direito e a democracia. A segunda geração começou a questionar as lacunas teóricas nos fundamentos normativos da primeira teoria crítica, propondo outro tipo de ação social que pudesse ao menos ser concebido ao lado do trabalho, e assim abrir caminho a análise da interação social e da dimensão normativa dessa interação social. “Representante mais importante da segunda geração da teoria crítica, Habermas desenvolveu diagnósticos significativos sobre a esfera pública e temas da moral, do direito e da democracia, buscando eliminar o que entendeu ser o déficit nos fundamentos normativos da crítica social” (MELO, 2010, p.208).

Habermas se posicionou também em relação à teoria da comunicação funcionalista. O funcionalismo entendia as mídias como sendo novas ferramentas para o desenvolvimento da democracia moderna. “É certo que as inovações tecnológicas têm uma tendência intrínseca para provocarem mudanças sociais.” (LAZARSELD, 1940 apud WOLF, 2003, p. 97). Todavia, as escolas de pensamento crítico, entre elas a de Frankfurt, questionam as consequências sociais desses novos meios de comunicação “recusando-se a tomar como evidente a ideia de que, dessas inovações técnicas, a democracia sai necessariamente fortalecida”. (MATTELART, 2004, p. 74). Nesse sentido, a Escola de Frankfurt é crítica da racionalidade técnica e da política capitalista e no percurso de evolução desta problemática também se insere o pensamento do filósofo alemão Habermas. “Herdeiro dessa corrente crítica, o filósofo Jürgen Habermas desenvolve, em resposta a Marcuse, sua própria teoria da racionalidade técnica” (MATTELART, 2004, p. 81) e, também, “reflete sobre uma alternativa à degenerescência do político [...]. A solução encontra-se, segundo ele, na restauração das formas de comunicação num espaço público estendido ao conjunto da sociedade” (MATTELART, 2004, p. 83). Nesse sentido, Habermas renova o posicionamento teórico dos frankfurtianos ao defender uma racionalidade comunicativa e a possibilidade da democracia.

Em sua teoria da racionalidade comunicativa, Habermas se esforça por estabelecer a dimensão comunicativa da razão e uma visão moderna de sociedade. “Por ‘racionalidade’ entendemos, antes de tudo, a disposição dos sujeitos capazes de falar e de agir para adquirir e aplicar um saber falível” (HABERMAS, 2000, p.437). Habermas defende um projeto em que a racionalidade mantenha-se presente e atuante e, para tanto, propõe uma mudança de paradigma racional, elegendo a Razão Comunicativa como parte integrante da racionalidade humana, ao lado da estrutura do saber (epistemológica) e da estrutura da atividade orientada a fins (teleológica). Nesse momento, a comunicação passa a assumir um papel fundamental na constituição da racionalidade, que, ao lado das dimensões epistê-



mica e teleológica, forma a estrutura tripartida da racionalidade humana. Ocorre assim, uma superação da racionalidade técnica, tão criticada pelos primeiros frankfurtianos.

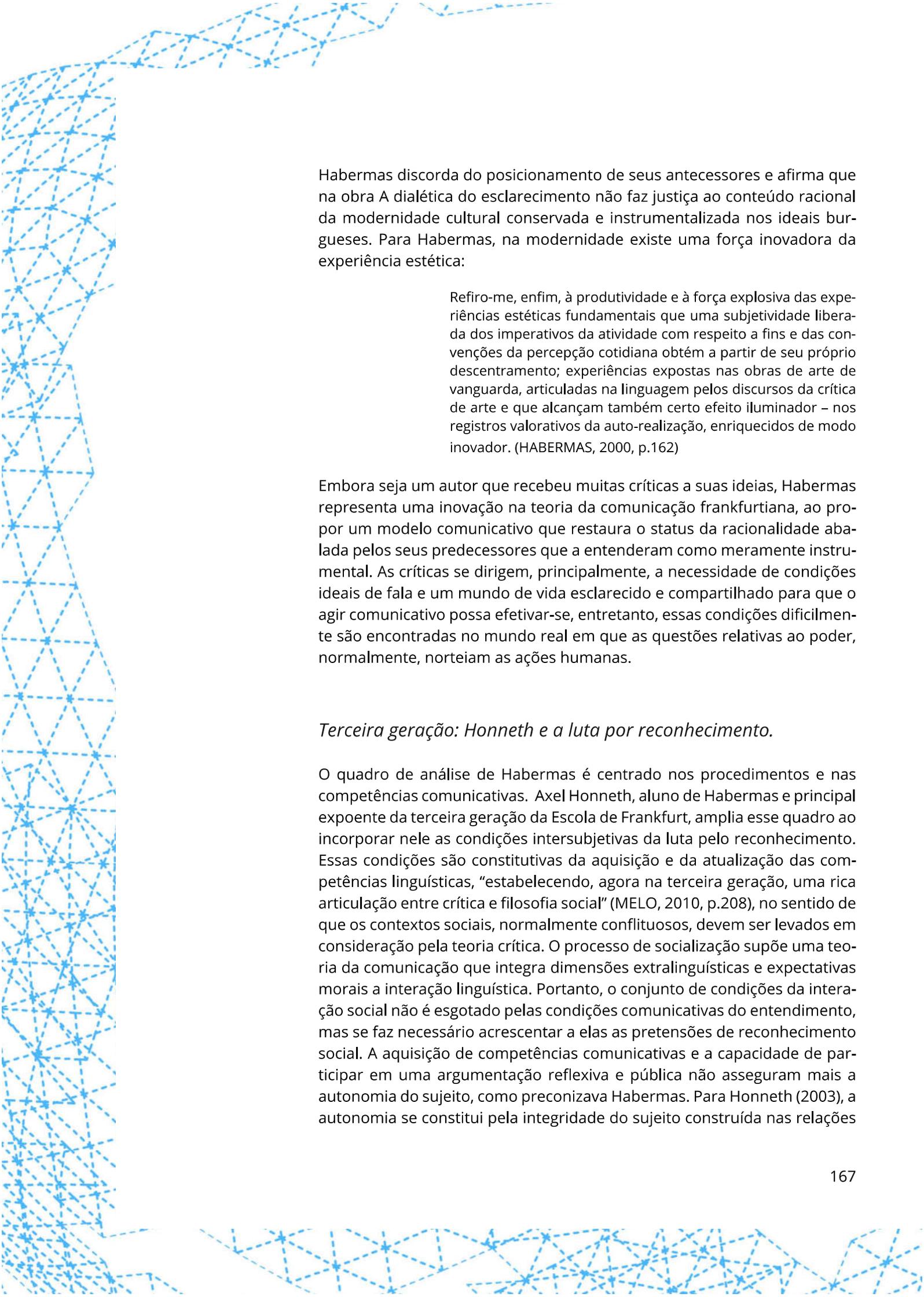
Assoun (1991), em um capítulo intitulado A mutação da “teoria crítica”, afirma que esta teoria conhece um reajustamento interno nos anos 1960 com o pensamento de Jürgen Habermas que modifica a função da teoria crítica. Segundo o autor, essa evolução se fez pelo surgimento de novos problemas metodológicos e epistemológicos advindos da necessidade de se justificar a correlação da teoria com a práxis sociopolítica, a partir do novo rosto da crise social do mundo contemporâneo pós-guerra. “Assim se torna possível provar de novo a fecundidade da teoria crítica como instrumento de classificação da situação histórico-social” (ASSOUN, 1991, p.37). A teoria crítica, com Habermas, evolui para uma crítica da razão instrumental, tornando-se movimento de reflexão crítica e hermenêutica das ciências, afirmando sua vocação de racionalidade prática e chegando ao pragmatismo transcendental.

Nesse sentido, foi o que Habermas pretendeu fazer, ao repensar criticamente a dialética do esclarecimento a partir de um viés comunicativo. O modelo comunicativo de Habermas busca restaurar o estatuto da racionalidade, destacando sua dimensão comunicativa. Para tanto, é necessário ampliar os temas, rever parâmetros e encontrar um novo paradigma explicativo.

A Dialética do Esclarecimento tinha por objeto principal de investigação a razão humana e as formas sociais da racionalidade, concluindo dessa investigação que a razão instrumental consistia na forma estruturante e única da racionalidade social no capitalismo administrado. Isso resultava em uma situação aporética do comportamento crítico e em um bloqueio estrutural da prática transformadora. Sendo assim, para se contrapor a esse diagnóstico de Horkheimer e Adorno, Habermas formulou um novo conceito de racionalidade. (NOBRE, 2004, p. 55)

Nesse novo conceito, a racionalidade é de dupla face, a antiga face instrumental e a nova face comunicativa. A novidade habermasiana está justamente no reconhecimento da dimensão comunicativa da racionalidade humana convivendo com a racionalidade instrumental descrita e criticada por seus antecessores.

Assim, ao contrário de Horkheimer e Adorno, que apresentam uma teoria do desenvolvimento da racionalidade humana que culmina em um prevalecimento da razão instrumental como forma única de racionalidade, Habermas pretende mostrar que a evolução histórico-social das formas de racionalidade leva a uma progressiva diferenciação da razão humana em dois tipos de racionalidade – a instrumental e a comunicativa. (NOBRE, 2004, p. 55).



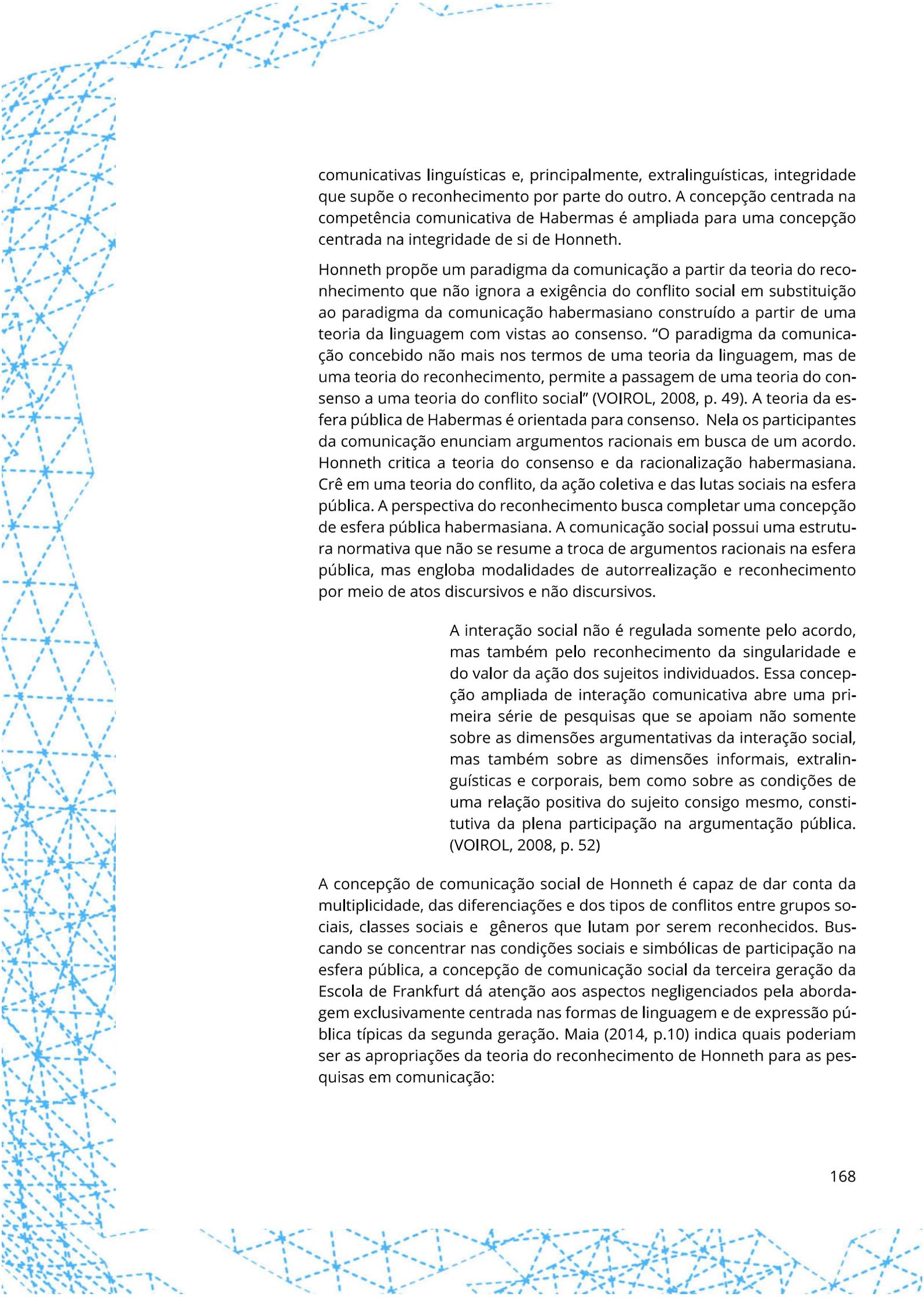
Habermas discorda do posicionamento de seus antecessores e afirma que na obra *A dialética do esclarecimento* não faz justiça ao conteúdo racional da modernidade cultural conservada e instrumentalizada nos ideais burgueses. Para Habermas, na modernidade existe uma força inovadora da experiência estética:

Refiro-me, enfim, à produtividade e à força explosiva das experiências estéticas fundamentais que uma subjetividade liberada dos imperativos da atividade com respeito a fins e das convenções da percepção cotidiana obtém a partir de seu próprio descentramento; experiências expostas nas obras de arte de vanguarda, articuladas na linguagem pelos discursos da crítica de arte e que alcançam também certo efeito iluminador – nos registros valorativos da auto-realização, enriquecidos de modo inovador. (HABERMAS, 2000, p.162)

Embora seja um autor que recebeu muitas críticas a suas ideias, Habermas representa uma inovação na teoria da comunicação frankfurtiana, ao propor um modelo comunicativo que restaura o status da racionalidade abalada pelos seus predecessores que a entenderam como meramente instrumental. As críticas se dirigem, principalmente, a necessidade de condições ideais de fala e um mundo de vida esclarecido e compartilhado para que o agir comunicativo possa efetivar-se, entretanto, essas condições dificilmente são encontradas no mundo real em que as questões relativas ao poder, normalmente, norteiam as ações humanas.

Terceira geração: Honneth e a luta por reconhecimento.

O quadro de análise de Habermas é centrado nos procedimentos e nas competências comunicativas. Axel Honneth, aluno de Habermas e principal expoente da terceira geração da Escola de Frankfurt, amplia esse quadro ao incorporar nele as condições intersubjetivas da luta pelo reconhecimento. Essas condições são constitutivas da aquisição e da atualização das competências linguísticas, “estabelecendo, agora na terceira geração, uma rica articulação entre crítica e filosofia social” (MELO, 2010, p.208), no sentido de que os contextos sociais, normalmente conflituosos, devem ser levados em consideração pela teoria crítica. O processo de socialização supõe uma teoria da comunicação que integra dimensões extralinguísticas e expectativas morais a interação linguística. Portanto, o conjunto de condições da interação social não é esgotado pelas condições comunicativas do entendimento, mas se faz necessário acrescentar a elas as pretensões de reconhecimento social. A aquisição de competências comunicativas e a capacidade de participar em uma argumentação reflexiva e pública não asseguram mais a autonomia do sujeito, como preconizava Habermas. Para Honneth (2003), a autonomia se constitui pela integridade do sujeito construída nas relações

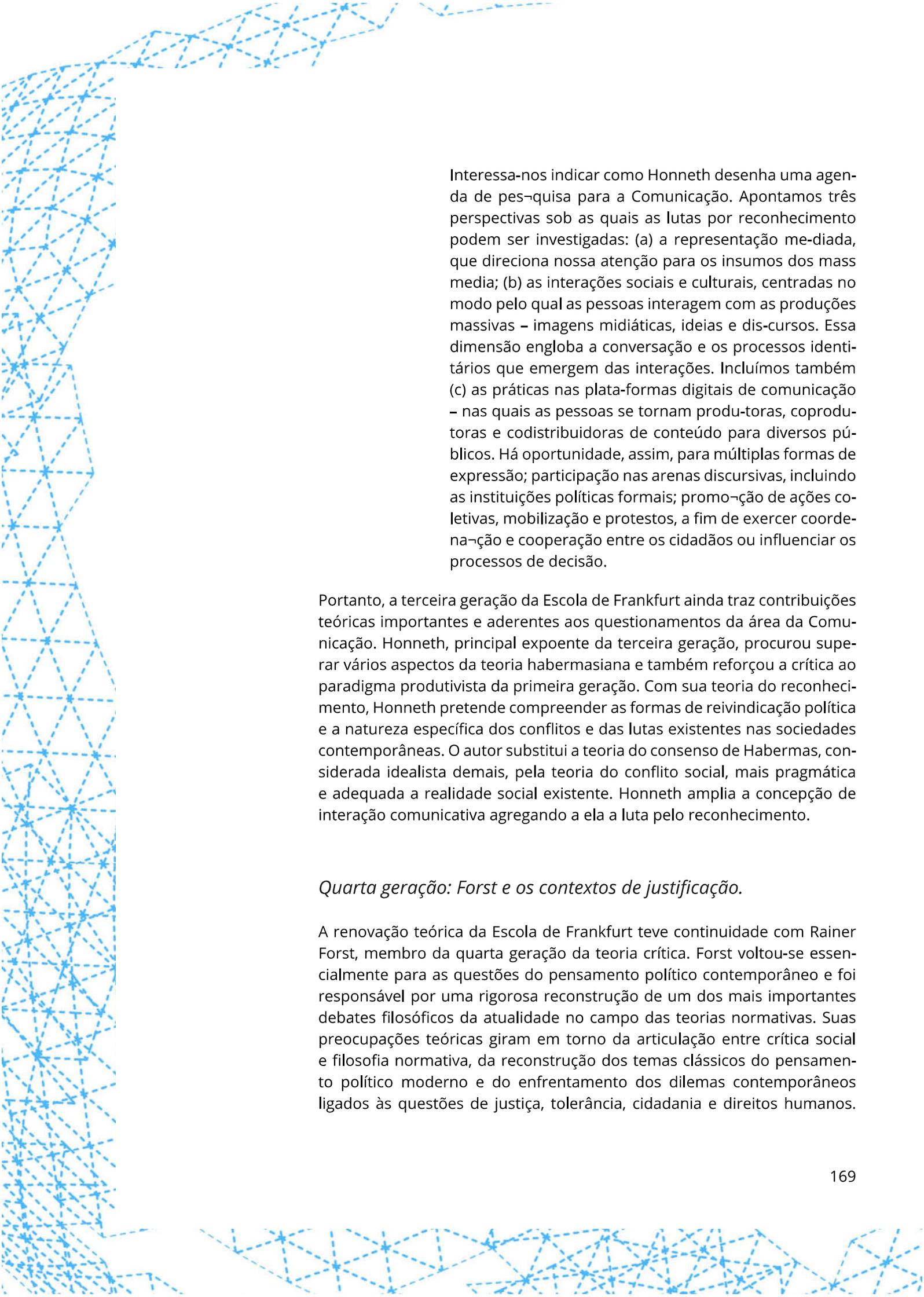


comunicativas linguísticas e, principalmente, extralinguísticas, integridade que supõe o reconhecimento por parte do outro. A concepção centrada na competência comunicativa de Habermas é ampliada para uma concepção centrada na integridade de si de Honneth.

Honneth propõe um paradigma da comunicação a partir da teoria do reconhecimento que não ignora a exigência do conflito social em substituição ao paradigma da comunicação habermasiano construído a partir de uma teoria da linguagem com vistas ao consenso. “O paradigma da comunicação concebido não mais nos termos de uma teoria da linguagem, mas de uma teoria do reconhecimento, permite a passagem de uma teoria do consenso a uma teoria do conflito social” (VOIROL, 2008, p. 49). A teoria da esfera pública de Habermas é orientada para consenso. Nela os participantes da comunicação enunciam argumentos racionais em busca de um acordo. Honneth critica a teoria do consenso e da racionalização habermasiana. Crê em uma teoria do conflito, da ação coletiva e das lutas sociais na esfera pública. A perspectiva do reconhecimento busca completar uma concepção de esfera pública habermasiana. A comunicação social possui uma estrutura normativa que não se resume a troca de argumentos racionais na esfera pública, mas engloba modalidades de autorrealização e reconhecimento por meio de atos discursivos e não discursivos.

A interação social não é regulada somente pelo acordo, mas também pelo reconhecimento da singularidade e do valor da ação dos sujeitos individuados. Essa concepção ampliada de interação comunicativa abre uma primeira série de pesquisas que se apoiam não somente sobre as dimensões argumentativas da interação social, mas também sobre as dimensões informais, extralinguísticas e corporais, bem como sobre as condições de uma relação positiva do sujeito consigo mesmo, constitutiva da plena participação na argumentação pública. (VOIROL, 2008, p. 52)

A concepção de comunicação social de Honneth é capaz de dar conta da multiplicidade, das diferenciações e dos tipos de conflitos entre grupos sociais, classes sociais e gêneros que lutam por serem reconhecidos. Buscando se concentrar nas condições sociais e simbólicas de participação na esfera pública, a concepção de comunicação social da terceira geração da Escola de Frankfurt dá atenção aos aspectos negligenciados pela abordagem exclusivamente centrada nas formas de linguagem e de expressão pública típicas da segunda geração. Maia (2014, p.10) indica quais poderiam ser as apropriações da teoria do reconhecimento de Honneth para as pesquisas em comunicação:

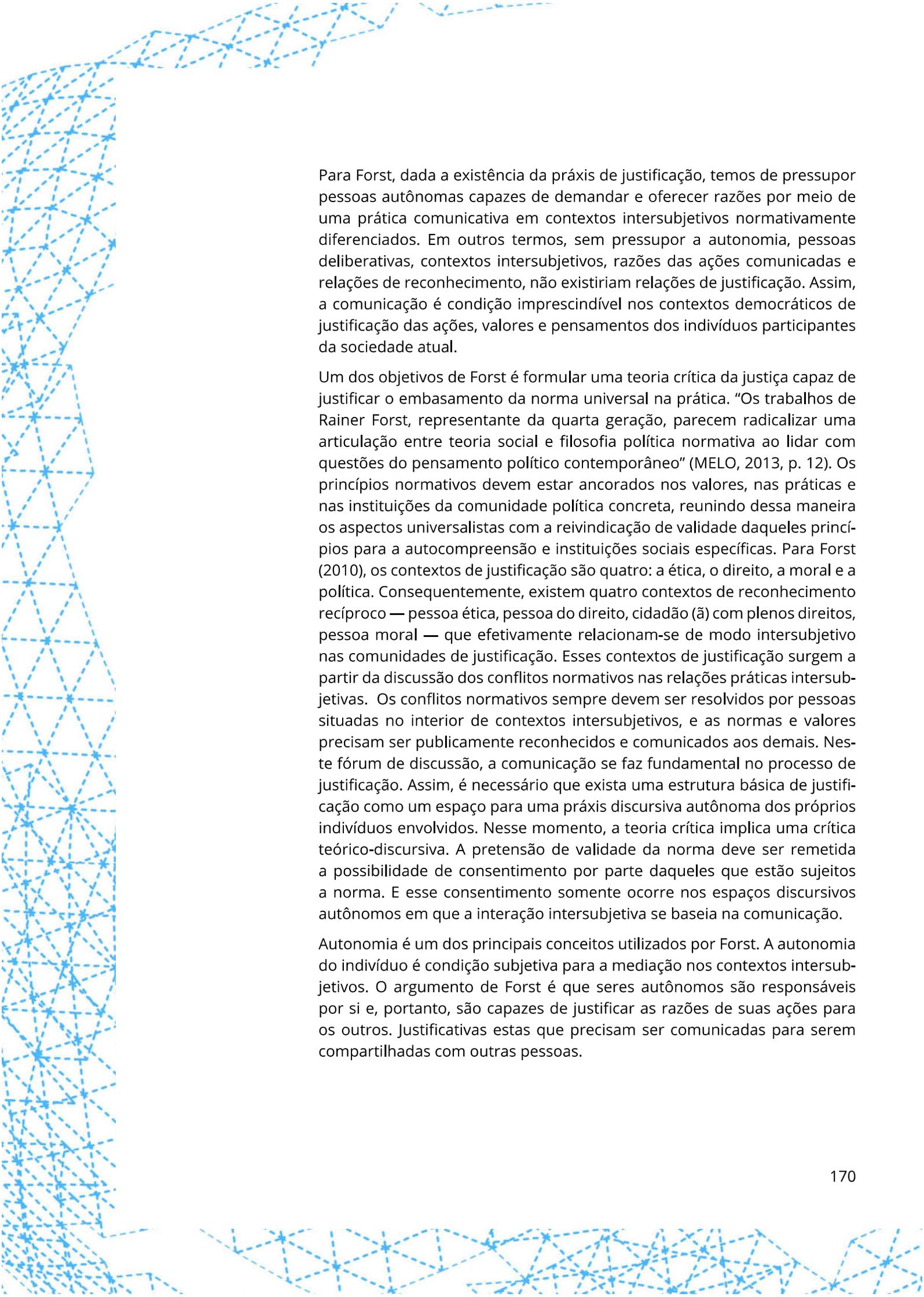


Interessa-nos indicar como Honneth desenha uma agenda de pesquisa para a Comunicação. Apontamos três perspectivas sob as quais as lutas por reconhecimento podem ser investigadas: (a) a representação mediada, que direciona nossa atenção para os insumos dos mass media; (b) as interações sociais e culturais, centradas no modo pelo qual as pessoas interagem com as produções massivas – imagens midiáticas, ideias e discursos. Essa dimensão engloba a conversação e os processos identitários que emergem das interações. Incluímos também (c) as práticas nas plataformas digitais de comunicação – nas quais as pessoas se tornam produtoras, coprodutoras e codistribuidoras de conteúdo para diversos públicos. Há oportunidade, assim, para múltiplas formas de expressão; participação nas arenas discursivas, incluindo as instituições políticas formais; promoção de ações coletivas, mobilização e protestos, a fim de exercer coordenação e cooperação entre os cidadãos ou influenciar os processos de decisão.

Portanto, a terceira geração da Escola de Frankfurt ainda traz contribuições teóricas importantes e aderentes aos questionamentos da área da Comunicação. Honneth, principal expoente da terceira geração, procurou superar vários aspectos da teoria habermasiana e também reforçou a crítica ao paradigma produtivista da primeira geração. Com sua teoria do reconhecimento, Honneth pretende compreender as formas de reivindicação política e a natureza específica dos conflitos e das lutas existentes nas sociedades contemporâneas. O autor substitui a teoria do consenso de Habermas, considerada idealista demais, pela teoria do conflito social, mais pragmática e adequada a realidade social existente. Honneth amplia a concepção de interação comunicativa agregando a ela a luta pelo reconhecimento.

Quarta geração: Forst e os contextos de justificação.

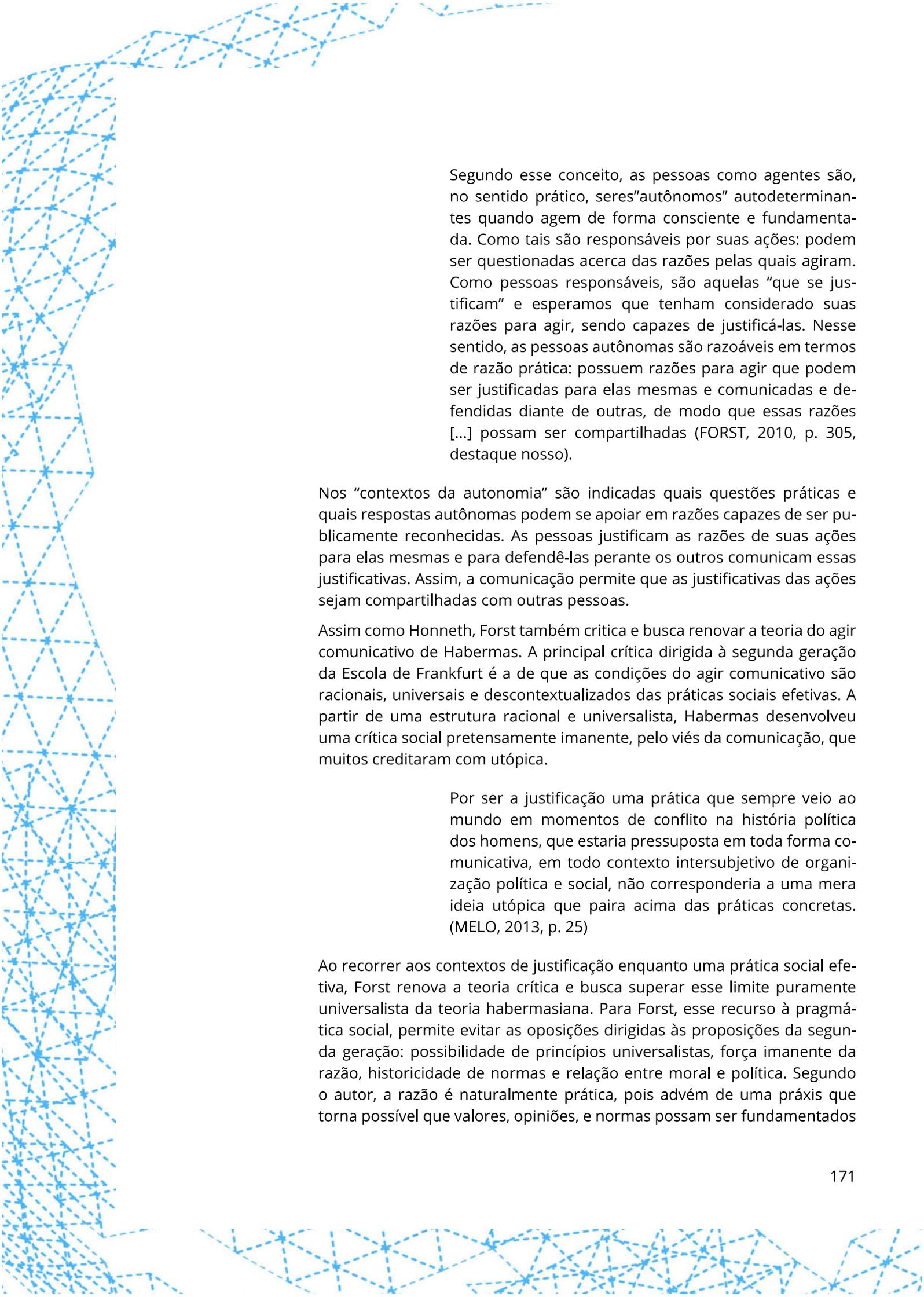
A renovação teórica da Escola de Frankfurt teve continuidade com Rainer Forst, membro da quarta geração da teoria crítica. Forst voltou-se essencialmente para as questões do pensamento político contemporâneo e foi responsável por uma rigorosa reconstrução de um dos mais importantes debates filosóficos da atualidade no campo das teorias normativas. Suas preocupações teóricas giram em torno da articulação entre crítica social e filosofia normativa, da reconstrução dos temas clássicos do pensamento político moderno e do enfrentamento dos dilemas contemporâneos ligados às questões de justiça, tolerância, cidadania e direitos humanos.



Para Forst, dada a existência da práxis de justificação, temos de pressupor pessoas autônomas capazes de demandar e oferecer razões por meio de uma prática comunicativa em contextos intersubjetivos normativamente diferenciados. Em outros termos, sem pressupor a autonomia, pessoas deliberativas, contextos intersubjetivos, razões das ações comunicadas e relações de reconhecimento, não existiriam relações de justificação. Assim, a comunicação é condição imprescindível nos contextos democráticos de justificação das ações, valores e pensamentos dos indivíduos participantes da sociedade atual.

Um dos objetivos de Forst é formular uma teoria crítica da justiça capaz de justificar o embasamento da norma universal na prática. “Os trabalhos de Rainer Forst, representante da quarta geração, parecem radicalizar uma articulação entre teoria social e filosofia política normativa ao lidar com questões do pensamento político contemporâneo” (MELO, 2013, p. 12). Os princípios normativos devem estar ancorados nos valores, nas práticas e nas instituições da comunidade política concreta, reunindo dessa maneira os aspectos universalistas com a reivindicação de validade daqueles princípios para a autocompreensão e instituições sociais específicas. Para Forst (2010), os contextos de justificação são quatro: a ética, o direito, a moral e a política. Consequentemente, existem quatro contextos de reconhecimento recíproco — pessoa ética, pessoa do direito, cidadão (ã) com plenos direitos, pessoa moral — que efetivamente relacionam-se de modo intersubjetivo nas comunidades de justificação. Esses contextos de justificação surgem a partir da discussão dos conflitos normativos nas relações práticas intersubjetivas. Os conflitos normativos sempre devem ser resolvidos por pessoas situadas no interior de contextos intersubjetivos, e as normas e valores precisam ser publicamente reconhecidos e comunicados aos demais. Neste fórum de discussão, a comunicação se faz fundamental no processo de justificação. Assim, é necessário que exista uma estrutura básica de justificação como um espaço para uma práxis discursiva autônoma dos próprios indivíduos envolvidos. Nesse momento, a teoria crítica implica uma crítica teórico-discursiva. A pretensão de validade da norma deve ser remetida a possibilidade de consentimento por parte daqueles que estão sujeitos a norma. E esse consentimento somente ocorre nos espaços discursivos autônomos em que a interação intersubjetiva se baseia na comunicação.

Autonomia é um dos principais conceitos utilizados por Forst. A autonomia do indivíduo é condição subjetiva para a mediação nos contextos intersubjetivos. O argumento de Forst é que seres autônomos são responsáveis por si e, portanto, são capazes de justificar as razões de suas ações para os outros. Justificativas estas que precisam ser comunicadas para serem compartilhadas com outras pessoas.



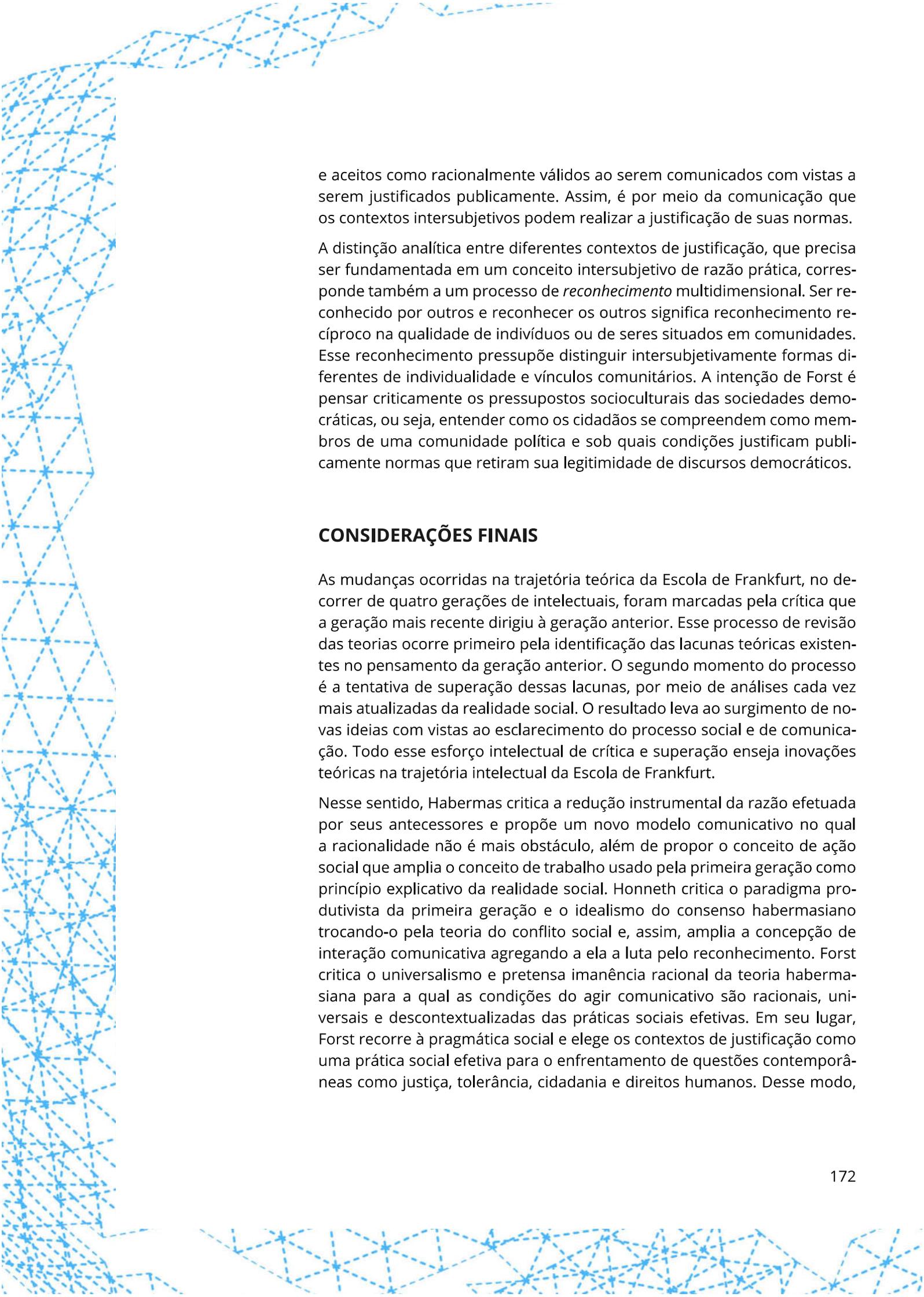
Segundo esse conceito, as pessoas como agentes são, no sentido prático, seres “autônomos” autodeterminantes quando agem de forma consciente e fundamentada. Como tais são responsáveis por suas ações: podem ser questionadas acerca das razões pelas quais agiram. Como pessoas responsáveis, são aquelas “que se justificam” e esperamos que tenham considerado suas razões para agir, sendo capazes de justificá-las. Nesse sentido, as pessoas autônomas são razoáveis em termos de razão prática: possuem razões para agir que podem ser justificadas para elas mesmas e comunicadas e defendidas diante de outras, de modo que essas razões [...] possam ser compartilhadas (FORST, 2010, p. 305, destaque nosso).

Nos “contextos da autonomia” são indicadas quais questões práticas e quais respostas autônomas podem se apoiar em razões capazes de ser publicamente reconhecidas. As pessoas justificam as razões de suas ações para elas mesmas e para defendê-las perante os outros comunicam essas justificativas. Assim, a comunicação permite que as justificativas das ações sejam compartilhadas com outras pessoas.

Assim como Honneth, Forst também critica e busca renovar a teoria do agir comunicativo de Habermas. A principal crítica dirigida à segunda geração da Escola de Frankfurt é a de que as condições do agir comunicativo são racionais, universais e descontextualizados das práticas sociais efetivas. A partir de uma estrutura racional e universalista, Habermas desenvolveu uma crítica social pretensamente imanente, pelo viés da comunicação, que muitos creditaram com utópica.

Por ser a justificação uma prática que sempre veio ao mundo em momentos de conflito na história política dos homens, que estaria pressuposta em toda forma comunicativa, em todo contexto intersubjetivo de organização política e social, não corresponderia a uma mera ideia utópica que paira acima das práticas concretas. (MELO, 2013, p. 25)

Ao recorrer aos contextos de justificação enquanto uma prática social efetiva, Forst renova a teoria crítica e busca superar esse limite puramente universalista da teoria habermasiana. Para Forst, esse recurso à pragmática social, permite evitar as oposições dirigidas às proposições da segunda geração: possibilidade de princípios universalistas, força imanente da razão, historicidade de normas e relação entre moral e política. Segundo o autor, a razão é naturalmente prática, pois advém de uma práxis que torna possível que valores, opiniões, e normas possam ser fundamentados



e aceitos como racionalmente válidos ao serem comunicados com vistas a serem justificados publicamente. Assim, é por meio da comunicação que os contextos intersubjetivos podem realizar a justificação de suas normas.

A distinção analítica entre diferentes contextos de justificação, que precisa ser fundamentada em um conceito intersubjetivo de razão prática, corresponde também a um processo de *reconhecimento* multidimensional. Ser reconhecido por outros e reconhecer os outros significa reconhecimento recíproco na qualidade de indivíduos ou de seres situados em comunidades. Esse reconhecimento pressupõe distinguir intersubjetivamente formas diferentes de individualidade e vínculos comunitários. A intenção de Forst é pensar criticamente os pressupostos socioculturais das sociedades democráticas, ou seja, entender como os cidadãos se compreendem como membros de uma comunidade política e sob quais condições justificam publicamente normas que retiram sua legitimidade de discursos democráticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças ocorridas na trajetória teórica da Escola de Frankfurt, no decorrer de quatro gerações de intelectuais, foram marcadas pela crítica que a geração mais recente dirigiu à geração anterior. Esse processo de revisão das teorias ocorre primeiro pela identificação das lacunas teóricas existentes no pensamento da geração anterior. O segundo momento do processo é a tentativa de superação dessas lacunas, por meio de análises cada vez mais atualizadas da realidade social. O resultado leva ao surgimento de novas ideias com vistas ao esclarecimento do processo social e de comunicação. Todo esse esforço intelectual de crítica e superação enseja inovações teóricas na trajetória intelectual da Escola de Frankfurt.

Nesse sentido, Habermas critica a redução instrumental da razão efetuada por seus antecessores e propõe um novo modelo comunicativo no qual a racionalidade não é mais obstáculo, além de propor o conceito de ação social que amplia o conceito de trabalho usado pela primeira geração como princípio explicativo da realidade social. Honneth critica o paradigma produtivista da primeira geração e o idealismo do consenso habermasiano trocando-o pela teoria do conflito social e, assim, amplia a concepção de interação comunicativa agregando a ela a luta pelo reconhecimento. Forst critica o universalismo e pretensão imanência racional da teoria habermasiana para a qual as condições do agir comunicativo são racionais, universais e descontextualizadas das práticas sociais efetivas. Em seu lugar, Forst recorre à pragmática social e elege os contextos de justificação como uma prática social efetiva para o enfrentamento de questões contemporâneas como justiça, tolerância, cidadania e direitos humanos. Desse modo,

surgiram novas ideias como ação social, racionalidade comunicativa, teoria do conflito social, luta pelo reconhecimento, contextos de justificação, pragmática social.

As novas ideias surgem por meio da negação, da crítica e da ruptura com os paradigmas precedentes. A renovação representada pelas gerações posteriores implicou a inclusão de categorias que permitem explicar mais adequadamente o papel da comunicação nas novas formas de ação social, luta política e mobilização cultural que ampliaram os sentidos da emancipação e configuraram atualmente os dilemas e os desafios da democracia contemporânea.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Ática, 1991.

FORST, Rainer. **Contextos de Justiça**. São Paulo: Boitempo, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERSCOVICI, Alain. Economia Política da Comunicação: uma tentativa de definição epistemológica. **Revista Eptic**, vol.16, n.03, 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 169 a 214.

MAIA, Rousiley et al. A teoria crítica nos estudos da Comunicação: uma agenda empírica para o programa de Jürgen Habermas e de Axel Honneth. In: FRANÇA, Vera; ALDE, Alessandra; RAMOS, Murilo Cesar (Orgs.). **Teorias da Comunicação no Brasil**: reflexões contemporâneas. Salvador: Edufba, 2014, 197-219.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teorias da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, Olgária Chain Feres. **A Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 2015.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.



MELO Rúrion. Crítica e justificação em Rainer Forst. **Cadernos de Filosofia Alemã**: crítica e modernidade, São Paulo, n. 22, p. 11-30, 2013.

_____. Autonomia, justiça e democracia. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 88, p. 207-215, dez. 2010.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANCA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VOIROL, Olivier. A esfera pública e as lutas por reconhecimento: de Habermas a Honneth. **Cadernos de Filosofia Alemã**: crítica e modernidade, São Paulo, n. 11, p. 33-55, jan./jun. 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.